

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MARIA LUCIA OLIVEIRA DA SILVA

**LIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇO INFORMAL DE
APRENDIZAGEM**

**Jaguarão/Polo Esteio
2021**

MARIA LUCIA OLIVEIRA DA SILVA

**LIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇO INFORMAL DE
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras –
Português.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

**Jaguarão/Polo Esteio
2021**

MARIA LUCIA OLIVEIRA DA SILVA,

LIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇO INFORMAL DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Curso de Letras Português da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 8 de dezembro de 2021

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lucio Jorge Hammes
Orientador
(Unipampa)

Prof. Dr. Maurício Vieira Aires
(Unipampa)

Prof. Dr. Eduardo G. Melgar Júnior
(Smed - Pelotas)

Assinado eletronicamente por LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR, em 20/12/2021, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

(Smed - Pelotas)

Assinado eletronicamente por **LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2021, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



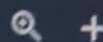
Assinado eletronicamente por **Eduardo Garralaga Melgar Junior, Usuário Externo**, em 20/12/2021, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MAURICIO AIRES VIEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2021, às 21:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0698941** e o código CRC **09D66880**.



Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S5861 Silva, Maria Lucia Oliveira
LIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇO INFORMAL DE
APRENDIZAGEM / Maria Lucia Oliveira Silva.
21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2021.
"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".

1. Educação Informal. 2. Síndrome de Down. I. Título.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2. MÉTODO DO TRABALHO.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3.1 O processo de ensino-aprendizagem.....	12
3.2 A síndrome de Down e as atividades pedagógicas.....	13
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	16
a) O processo de educação informal com uma pessoa de necessidades especiais.....	16
b) Expectativas da família que propõe a educação informal.....	17
c) analisar os dados com os referenciais estudados.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

LIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇO INFORMAL DE APRENDIZAGEM

Maria Lucia Oliveira da Silva¹

RESUMO: Este artigo traz resultados de um estudo desenvolvido sobre o trabalho pedagógico exercido em espaço informal de aprendizado. Metodologicamente é caracterizado como estudo de caso que tem o objetivo de evidenciar lições do trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizado, destacando a educação inclusiva para o desenvolvimento da aquisição da linguagem de uma pessoa a Síndrome de Down. Os dados indicam que a aprendizagem é um processo que se aprofunda com a sequência das etapas na educação. Neste processo destacam-se as relações na família e o acompanhamento pedagógico em se aprende com trabalhos pedagógicos, conteúdos e métodos desenvolvidos por profissionais capacitados para a prática pedagógica, destacando as atividades lúdicas que contribuem com a inclusão da pessoa com Síndrome de Down.

Palavras-chave: Educação Informal e Síndrome de Down.

ABSTRACT: This article presents the results of a study carried out on the pedagogical work carried out in an informal learning space. Methodologically, it is characterized as a case study that aims to highlight lessons from the pedagogical work in an informal learning space, highlighting inclusive education for the development of language acquisition in a person with Down Syndrome. Data indicate that learning is a process that deepens with the sequence of steps in education. In this process, the relationships in the family and the pedagogical follow-up stand out in learning from pedagogical works, content and methods developed by professionals trained for pedagogical practice, highlighting the playful activities that contribute to the inclusion of the person with Down Syndrome.

Keywords: Informal education, Down syndrome.

¹Acadêmico do curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, Polo Esteio. Email: marialuciaoliveiradasilva83@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo de grandes transformações na sociedade e na forma de ver e acolher o outro. São transformações que clamam por uma nova análise e novas ações pedagógicas. Necessitamos de uma nova perspectiva para compreender melhor as situações e poder intervir, sendo protagonista destas mudanças que a situação exige. Neste trabalho, traz-se uma discussão sobre o trabalho pedagógico dentro do espaço informal de aprendizagem. Camargo (2018, p.3) afirma que “a sala de aula tradicional, baseada na hegemonia da aula expositiva, ainda é uma grande barreira a ser vencida para que a qualidade da educação melhore”. Percebe-se, desta forma, a importância de valorização dos profissionais da educação, fazendo com que estes tenham acesso aos conhecimentos necessários para colaborar com o aprimoramento das atividades pedagógicas. E isso deve acontecer tanto dentro dos espaços formais de educação, quanto nos ambientes informais. Camargo (2018, p. 6) reforça que “o grande desafio deste momento histórico é a prática de metodologias que possibilitem uma práxis pedagógica capaz de alcançar a formação do sujeito criativo, crítico, reflexivo, colaborativo, capaz de trabalhar em grupo e resolver problemas reais”.

Em um cenário onde a educação informal costuma atender também o reforço escolar para as diferenças, busca-se compreender como esta se dá quando o aluno tem a condição da síndrome de Down. Sabe-se que a síndrome de Down é uma condição genética, e que, conforme Lima (2019) ela não é uma doença e sim uma deficiência. A autora recentemente citada lembra que o nome da síndrome é uma homenagem ao médico britânico que a descobriu, John Langdon Down e a descreveu em 1862. “A síndrome de Down é associada a um atraso intelectual, devido à má formação congênita. Ela é bem visível. Assim que a criança nasce, percebe-se a síndrome”, (LIMA, 2019, p. 16). Os traços comuns são: fissuras palpebrais inclinadas para cima; ausência de reflexo de Moro (abertura dos braços logo que nasce); hipotonia (a criança é muito mole); pescoço curto; ponte nasal plana; orelhas com implantação baixa; boca aberta; língua saliente sulcada; mãos curtas e largas; na mão uma única prega palmar transversal ou transversa; os pés apresentam espaço entre o primeiro e o segundo dedo (LIMA, 2019, p. 17).

Além do atraso no desenvolvimento, outros problemas de saúde pode ocorrer na condição a síndrome de Down: cardiopatia congênita (40%); hipotonia (100%); problemas de audição (50 a 70%); de visão (15 a 50%); alterações na coluna cervical (1 a 10%); distúrbios da tireóide (15%). Ao se desenvolver, a pessoa com síndrome de Down pode ter tratamentos e terapias. Em especial, a estimulação precoce com fisioterapia e fonoterapia, que mostra uma melhora no desenvolvimento e desempenho social da condição da síndrome. Koremberg et al (1990) diz que o retardo mental é uma condição da síndrome de Down. Registros mostram que a trissomia 21 tem desenvolvimento intelectual limítrofe ou normal. Desta forma, diz-se também que as habilidades intelectuais do Down são subestimadas. No entanto, estudos mostram que todos podem aprender, desde que haja intermediadores da escrita e leitura preparados para esta mediação. Neste trabalho busca-se apresentar um estudo de caso, resultado de uma pesquisa de cunho qualitativa, desenvolvida com o apoio de perguntas a pessoas envolvidas com a educação de pessoas com condição da Síndrome de Down. O objetivo, assim, é buscar conhecer melhor tais pessoas e entender como é possível garantir que o estudante com síndrome de Down tenha oportunidade de aprendizagem, com envolvimento cognitivo e linguístico relevante em diferentes ambientes.

No que se refere à inclusão de pessoas com necessidades especiais, os estudos indicam que os profissionais necessitam analisar ou cuidar das próprias práticas, buscando tirar lições destas ações.

Neste artigo trazemos alguns resultados de um estudo desenvolvido a partir do trabalho pedagógico exercido em espaço informal de aprendizado. A pergunta que sustentou a pesquisa é: “Que lições o trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizado suscita?” O espaço referido é o acompanhamento informal de uma pessoa com Síndrome de Down para o desenvolvimento de capacidades de letramento e a aquisição da linguagem. Neste sentido, especialmente a educação inclusiva se pergunta sobre os conteúdos e as melhores formas de desenvolvimento da educação das pessoas com necessidades especiais.

O objetivo geral da pesquisa é evidenciar lições do trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizado. Para isso, buscamos desenvolver os objetivos seguintes específicos: a) Descrever o processo de educação informal com pessoas de necessidades especiais; b) Destacar expectativas da família que propõe a educação informal; c) analisar os dados com os referenciais estudados.

Para compreender melhor as consequências da educação informal com pessoas com necessidades especiais aproveitamos a metodologia “Estudo de Caso”.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Esteio, RS, inserido no curso de Letras da Universidade Federal do Pampa. Após a introdução o artigo apresenta a trajetória metodológica, a fundamentação teórica, discussão e análise dos dados e as considerações finais.

2. MÉTODO DO TRABALHO

Para o desenvolvimento do estudo e conseguir evidenciar lições do trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizado buscamos apoio na pesquisa qualitativa Estudo de Caso. Este estudo baseia-se no instrumento de coleta de dados qualitativo com uma mãe, para tal foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, onde foram pesquisados dados referenciais sobre o tema abordado. Logo após, foi feita uma pesquisa de campo, a partir de um estudo de caso. Este, conforme Prodanov e Freitas (2013, p.60), “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa”.

O estudo do caso deste trabalho baseou-se em registros de observação de um aluno e de questionamentos a uma mãe que acompanhou o desenvolvimento da aprendizagem do estudante com condições da Síndrome de Down. O aprendizado dessas pessoas na condição de SD, de acordo com Martins (2002 p. 40) “deve ser estimulado a partir do concreto, sem pular etapas, necessitando de instruções visuais e situações reais, para que o estudante consolide suas aquisições”. Sendo

assim, é importante que se inicie a estimulação e as articulações. A partir de uma entrevista exploratória, constatou-se que há alguns anos já se falava em inclusão escolar, porém a escola não estava preparada para esta grande responsabilidade de assumir esses alunos ditos normais como crianças com Síndrome de Down. Hoje a escola vê esses alunos, muitas vezes, como problema na sala de aula, mas a inclusão continua com seus percalços diários, falhas e intolerância a alguns estudantes por falta de preparação. A partir desta perspectiva, propomos os seguintes questionamentos direcionados:

Aos Pais: O que você pode dizer sobre a educação de seu filho? E como a escola a inclui? A hipótese é que as respostas a estas perguntas contribuam para entender a situação que envolve a educação das pessoas com síndrome de Down, compreendendo as formas de aprendizagem dos alunos com síndrome de Down no ensino de leitura e escrita.

A abordagem qualitativa “Estudo de caso” tem sido utilizada em estudos voltados para a compreensão da vida humana em grupos. É considerado por Yin (1989, p. 10) “o irmão mais fraco dos métodos das Ciências Sociais” e, com Bonoma (1985). No entanto, pode se constituir em um recurso pedagógico para se gerar “insights” exploratórios, do que um método de pesquisa propriamente dito. Yin (1989) ainda destaca:

O estudo de caso que é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas (YIN, 1989, p. 23).

Dessa maneira, a metodologia Estudo de Caso pode contribuir para compreender a educação em espaço informal e evidenciar lições deste trabalho, destacando situações específicas da pesquisa.

Os dados foram coletados através do Diário de Campo que possibilita o registro do que se apresenta como relevante e que permite entender como os sujeitos se relacionam com a temática central desta pesquisa no ambiente escolar. Conforme Alves-Mazzotti, (2001, p. 164) “a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas”, permitindo, dentre outras, “checar” a sinceridade das respostas, identificar comportamentos não

intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir.

A análise dos aprendizados desenvolvidos com o processo educativo informal constitui a base desta reflexão. Busca dialogar com autores que estudam questões relacionadas à educação inclusiva.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O processo de ensino-aprendizagem

Pelo entendimento de Camargo (2018, p. 35) é necessário considerar que o processo de ensino-aprendizagem é algo extremamente complexo e “possui caráter dinâmico e não acontece de forma linear, exigindo ações direcionadas para que os alunos possam se aprofundar e ampliar os significados elaborados mediante a sua participação”.

Assim sendo, a participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem se faz perceptível e relevante quando este é ativo e tem seu espaço reservado pelo professor, fazendo-o protagonista de seus saberes. No entanto, isso não ocorre “enquanto existir o modelo tradicional de ensino, baseado unicamente no ensino do conteúdo do livro didático e em exercícios de fixação, que ainda acontecem em quase todas as classes do mundo” (CAMARGO, 2018, p. 27).

É de fundamental importância que se reveja urgentemente as formas de se abordar a atividade pedagógica nas salas de aula. Assim, as mudanças serão refletidas no conhecimento dos alunos, tornando as aulas mais prazerosas e interessantes.

3.2 A síndrome de Down e as atividades pedagógicas

Ao abordar o tema síndrome de Down, muitas vezes somos levados a pensar nas dificuldades cognitivas. As escolas, por exemplo, nem sempre estão preparadas para atender pessoas com a síndrome e, em diferentes momentos, acabam se dizendo impossibilitadas de atendê-las com efetividade. No entanto, a inclusão de alunos nas escolas tem como marco principal a Declaração de Salamanca

(UNESCO, 1994), que foi instituída na Conferência Mundial de Educação Especial, em 1994. Assim, conforme o documento citado, toda criança tem direito à educação e nenhuma criança é igual à outra, ou seja, cada uma possui características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. Além disso, segundo Bacich e Moran (2018, p. 23) “as pesquisas atuais da neurociência comprovam que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais”. Desse modo, todas devem ser atendidas no espaço escolar, e as crianças com necessidades educacionais especiais devem ser acomodadas na escola com uma pedagogia centrada na criança capaz de satisfazer as suas necessidades.

Historicamente, podemos observar que a inclusão de alunos com condição da Síndrome de Down nas escolas regulares vem acontecendo gradativamente, porém, vale ressaltar que nossa educação nem sempre foi inclusiva, ela está se tornando. Percebe-se, também, que uma das grandes inquietações dos pais de crianças com SD, conforme Kosma (2009), é a respeito da inteligência de seus filhos. Segundo o autor, não há como saber quais serão suas habilidades, da mesma forma que não há como saber quais serão de qualquer outra criança. Assim, o que se pode e deve fazer é estimular, porque muitas crianças com SD aprendem a ler e escrever.

Acredita-se também que uma das abordagens encontradas para o ensino da aprendizagem em pessoas com SD é a abordagem fônica de exercício, que reforça as habilidades motoras, envolvendo o ritmo e as rimas para a aquisição da escrita e leitura. Amaral e Gomedí (2004) relatam em sua pesquisa que um método para trabalhar com os alunos com Síndrome de Down (SD) seria através de jogos educacionais, este se torna importante devido à facilidade que a criança terá de ficar mais próxima da realidade.

A inclusão de alunos nas escolas tem como marco principal a Declaração de Salamanca, que foi instituída na Conferência Mundial de Educação Especial, em 1994. Assim, toda criança tem direito à educação, nenhuma criança é igual à outra, ou seja, cada uma possui características, interesses, capacidades e necessidades

de aprendizagem que são únicas. Desse modo, todas devem ser atendidas no espaço escolar, e as crianças com necessidades educacionais especiais devem ser acomodadas na escola com uma pedagogia centrada na criança capaz de satisfazer as necessidades (UNESCO, 1994).

No entanto, nem todas as pessoas se adaptam e podem requerer uma formação complementar. Não se constitui em educação formal de ensino e, conforme Libânio (2010) e educação.

que envolve o indivíduo tem influência do meio. Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

Dessa forma, educação pode acontecer na escola, mas não só nesta. Além disso, o atendimento pedagógico domiciliar pode promover o diálogo com outras ciências que para o desenvolvimento das pessoas.

Especialmente a situação de muitas famílias com pessoas com deficiência estão pedindo a contribuição de educadores em domicílio. No entanto, o educador à domicílio sempre é uma profissão incipiente, possibilitando vivências em espaço de aprendizagem, diferentes de salas de aula nas escolas regulares. Neste sentido, uma reportagem em um portal mostra ações de uma educadora:

Karina leva um material diferenciado, cheio de cores e personalizado para Clarinha, como é chamada por todos. A menina não consegue andar, falar ou se alimentar. Por isso, a professora teve que aprender a se comunicar com a menina por meio de códigos. Para dizer sim, Maria Clara pisca os olhos. Quando demonstra insatisfação, volta o olhar para cima (ROSSI, 2021).

A experiência ensina que a profissão exige atualização para responder aos desafios da situação, pois,

devido à dificuldade de locomoção e/ou de fala, a criança acaba por não ir para a escola. Neste caso, se constatada a impossibilidade da criança

freqüentar a escola, deverá receber atendimento pedagógico especializado em casa, pelo professor itinerante (BRASIL, 2006, p. 13)

Este atendimento especializado requer do professor pesquisar a situação da pessoa atendida e “aprender constantemente” para oportunizar formas de ensinar e de pensar sobre o próprio trabalho desenvolvido.

Desse modo, embora haja a necessidade da inclusão das pessoas, especificamente das pessoas com Síndrome de Down nas escolas regulares, acompanhamos situações em que a inclusão ainda é deficitária e algumas famílias pedem ajuda aos educadores para atendimento especializado à domicílio.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

a) O processo de educação informal com uma pessoa de necessidades especiais.

Aqui busco descrever o processo de educação que desenvolvo com um jovem de 29 à domicílio. Ele é morador de Esteio, Rio Grande do Sul.

Recebi o convite para “dar aula” para este aluno, da pedagoga, orientadora educacional de uma escola. Ela ligou, perguntando se eu queria trabalhar, explicando que o jovem tinha Síndrome de Down. Fiquei feliz, pois começaria a dar aulas particulares.

Quando comecei a trabalhar, ele mal sabia o alfabeto e agora, já fazem três anos que trabalho com este aluno.

Todas as segundas, quartas e sextas eu vou à casa dele. O trabalho é árduo, porém é gratificante, eu acredito na alfabetização dele. Quando comecei, ele estava pré-silábico, e hoje ele está entre silábico e silábico alfabético. Percebe-se um desenvolvendo, dentro do seu ritmo. Acredito nele, apesar das dificuldades. Ele se esforça para ler as sílabas e dissílabas. O sonho dele é ler e compreender as placas da sua cidade e de um novo mundo, que o espera.

Para o trabalho, confecciono, com o jovem estudante, jogos pedagógicos. Ele escolhe a música, e eu faço jogos de memória, bingo de sílabas e palavras.

Escrevemos no caderno o que chamou a atenção durante o dia, ou uma palavra que ele queira saber como se soletra e escreve como por exemplo: dia, noite, apaixonado, entre outras.

Quando trabalho com o jovem, ele memoriza com a repetição das sílabas e palavras. Usamos atividades fotocopiadas, massa de modelar ou argila. Exploramos a natureza e o meio em que estamos realizando as atividades. Chama a atenção que quando estamos na rua e cai uma folha ele pega a folha que caiu da árvore e soletra com minha ajuda a palavra folha.

Experiências como estas podem agora ser pesquisadas e refletidas sobre estas para que possamos melhorar as atividades e subsidiar outras ações de educação informal.

b) Expectativas da família que propõe a educação informal

Descrevemos aqui a experiência da família de uma pessoa com necessidades especiais que conta com um educador, comprometido com o desenvolvimento formativo desta pessoa.

O educador sabe que a família é importante na educação dos filhos. Desta situação o educador observa que a mãe do aluno é presente na trajetória.

Quando o jovem estava em idade escolar ele frequentava a escola, mas passou por problemas, pois a inclusão é difícil e o jovem não se adaptava. Havia, inclusive, escolas que não aceitavam o estudante com necessidades especiais. Havia percalços diversos que levaram os pais tirá-lo das escolas.

Por isso, a mãe começou a procurar uma “professora particular”. E fez o convite a mim e eu assumi o compromisso como um trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizagem. São três encontros semanais que facilitam a socialização e a aprendizagem. Sentimos que esta experiência supre um vazio deixado pela falta de participação na educação regular e formal.

Buscamos desenvolver a aprendizagem com “jogos, brincadeiras e risos com o aluno” (afirmação da mãe). Ainda receosa do que vai acontecer, a mãe

acompanha o filho “ler palavrinhas curtas” que abre sinais de esperança. O desejo do aluno é aprender a ler, e a escrever sobre a sua história.

A pessoa com Síndrome de Down pode se superar e surpreender, tal como todas as pessoas, inclusive a aprender a ler, respeitando o processo do desenvolvimento de cada um. É importante possibilitar a aprendizagem das pessoas, incentivando e possibilitando condições e estímulos, respeitando as condições de cada um.

c) analisar os dados com os referenciais estudados

Para o desenvolvimento das atividades que constituem o trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizagem foram utilizados materiais confeccionados em casa com caixas de leite, trabalho as vogais e o alfabeto.

O trabalho educativo em espaços informais é um “desafio a parte”, pois os passos para o progresso são mais demorados. Há momentos de desânimo, mas procuro não demonstrar e levar a questionar o método adotado. Mas o processo ajuda a sentir-se bem, no desafio de fazer uma boa “leitura do mundo” que precede a leitura da palavra; “isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. “E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto” (FREIRE, 1989, p. 7).

Especialmente sobre este estudo do caso, constata-se resultados em registros dos indícios. Já é possível trabalhar com as sílabas, repetindo as mesmas dissílabas como bala, bola, baú, copo, e outras. O trabalho sempre tem presente jogos de memória e palavras com caixa de papelão e o aprendizado das pessoas, de acordo com Martins (2002) “deve ser estimulado a partir do concreto, sem pular etapas, necessitando de instruções visuais e situações reais, para que o estudante consolide suas aquisições” (p. 40). Sendo.

A fundação Iberoamericana Down 21 (MOVIMENTO DOWN, 2021) revela as inquietações dos pais de crianças com Síndrome de Down. Sugere cuidar da deficiência intelectual e suas habilidades, da mesma forma que não há como saber quais serão, o que se pode e deve fazer é estimular. Apresenta orientações

fundamentais para a aprendizagem, respeitando o ritmo e as condições de concentração e de memórias, das quais destacamos:

- Trabalhar com alegria os objetos chamativos e variados.
- Ajudá-lo e guiá-lo no necessário, para a realização da tarefa.
- Fazer com que tenham novas experiências e descobertas.
- Elogiar ele sempre e deixar ciente de como é capaz.

Dessa forma vamos aprendendo que a família inclusiva, reflete a necessidade que a escola não pode fazer tudo sozinha e é convidada a se unir como agente para o sucesso que a educação inclusiva impõe: “Ao se pensar em educação inclusiva necessariamente pressupõe-se a presença da família como agente indispensável para o sucesso na educação de todos” (SELAU; HAMMES, 2009, p. 12).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação formal deve ser acessível a todas as pessoas. Traz-se neste trabalho uma discussão acerca desta inclusão não somente nos espaços formais, como também naqueles que recebem diariamente alunos de diferentes situações de ensino.

Cabe aqui ressaltar que, nestes espaços informais, onde o professor costumeiramente recebe alunos com alguma deficiência, percebe-se a necessidade de que estejam integrados conhecimentos inclusivos. Estes precisam estar atentos para que as necessidades dos alunos sejam atendidas e possam ser sanadas em sua totalidade. Acredita-se que, na educação informal, a educação se dá de maneira diferente, pois acaba atendendo, muitas vezes, as classes populares. Antigamente, essas classes não eram visíveis à educação informal, porque nem todos os alunos podiam frequentá-las. Então, um pedagogo particular visitava os alunos que, por motivos diversos, não podiam ir até a escola. Além disso, tais espaços desde sempre são vistos como opção aos pais para reforço escolar de quem apresenta dificuldades cognitivas.

Entende-se que a pesquisa aqui mencionada apresenta dados sobre a realidade de um aluno em especial e, pode não refletir a de um número expressivo. Para tanto, reforça-se que a observação atende inicialmente a uma necessidade de que outros estudos possam ser realizados posteriormente, dando ênfase a novos questionamentos acerca do tema. Faz-se perceber que a prática pedagógica direcionada a alunos com a síndrome de Down não é um assunto isolado e que novas pesquisas podem colaborar para que se possa melhorar a qualidade de ensino formal e informal para tal público, fazendo com que também seja ampliada a qualidade de vida e de acesso ao ensino destes alunos.

O artigo buscou refletir sobre os resultados da pesquisa que busca evidenciar lições do trabalho pedagógico em espaço informal de aprendizado, identificando aprendizados desenvolvidos com a educação informal, destacando as lições para o educador e para a família de uma pessoa com Síndrome de Down.

O estudo mostrou que a educação necessita conhecer as práticas de pesquisas sobre a temática que podem melhorar a educação. Além disso, o trabalho prático deve partir da situação do estudante e da família, tendo como referência o seu mundo e as possibilidades da inclusão nas escolas regulares.

Este estudo de caso ajudou a rever nossas práticas, construir alternativas para desenvolver uma educação inclusiva, desenvolvendo aptidões, buscando a socialização, qualificando as práticas educativas, com a incorporação de novas fontes de aprendizados pedagógicos nas escolas em geral.

Os dados revelam que a aprendizagem de uma pessoa com Síndrome de Down, tal como as outras pessoas, é um processo que se aprofunda com a sequência das etapas na educação. Neste processo destacam-se as relações na família e o acompanhamento pedagógico em se aprende com trabalhos pedagógicos, conteúdos e métodos. Este trabalho deve ser desenvolvido por profissionais capacitados para a prática pedagógica, destacando atividades lúdicas que contribuem com a inclusão de todos.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018. CAMARGO, Fausto. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018,
- BRASIL. Ministério da Educação. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais - Deficiência Física**. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>. Acesso em: dez. 2021.
- CORTELAZZO, Iolanda B. de Camargo. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em educação a distância**. Curitiba: Inter Saberes, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.**
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010
- LIMA, Ana Cristina Dias Rocha. **Síndrome de Down e as práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MOOL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- MOVIMENTO DOWN. Educação. Dicas para pais. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/educacao/dicas-para-pais/>. Acesso em dez. 2021.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROSSI, Mariane. Professora leciona em casa de aluna com deficiência neuromuscular e se comunica por códigos: 'Cada aluno é único'. **G1 Santos**. 15/10/2021 05h16. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/2021/10/15/professora-leciona-em-casa-de-aluna-com-deficiencia-neuromuscular-e-se-comunica-por-codigos-cada-aluno-e-unico.ghtml>. Acesso em dez. 2021.
- SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. **Educação inclusiva e educação para a paz: relações possíveis**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009